

# Renovação dos Cafezais



Cafezais novos em terra velhas de arenito de Botucatu. Alinhamento cruzados, em S. Carlos, na Fazenda Sadra.

A imprensa diária há algum tempo veiculou em noticiário a opinião do Coronel Paula Soares com relação aos novos cafezais plantados em São Paulo, como uma pequena experiência a qual não poderia vir a tornar-se base de uma política cafeeira a longo prazo. Não mereceria comentários essa opinião se emitida por pessoa de pouca responsabilidade, entretanto atribuída àquê prestigioso líder da cafeicultura do Paraná, provoca alguns reparos esclarecedores da opinião pública; ao mesmo tempo considera-se indispensável divulgar com profusão e significação dos resultados não das pequenas experiências, mas do alto estágio em que se encontra a agronomia em São Paulo, onde os esforços são para manutenção da cafeicultura sobre as nossas terras desbravadas e fazendas montadas, velhas.

O comentário ao artigo estampado pela "Fôlha da Manhã" de São Paulo, bem afina com a orientação da Sociedade Rural Brasileira, razão pela qual o publicamos e ilustramos com alguns dos nossos clichês de lavouras novas em terras velhas.

Atualmente conta o Estado de São Paulo com mais de 60.000.000 de pés plantados em terras velhas em velhas fazendas. Só para citar alguns municípios tomamos São Carlos com 1.500.000, Ribeirão com 900.000, Campinas e arredores 1.500.000, Mococa e arredores 3.000.000 e em tantos outros

municípios. O Departamento de Engenharia e Mecânica da Agricultura (DEMA) orientou e controlou diretamente a plantação de cerca de 30.000.000 de pés em cordões de contorno, a forma mais correta de evitar desgastes de erosão. É certo que outros 30.000.000 foram plantados por conta de particulares sem assistência direta, mas obedecendo aos princípios recomendados pela Secretaria. É ainda sabido que talvez outros 30.000.000 foram plantados com técnica conservacionista mas com variação de detalhes na planificação, como nos casos de solos com pequenos declives onde não foram feitos os cordões de contorno, mas com alinhamento, cortando as águas, sem observância do nivelamento dos cordões. Já não é experiência, é uma arrancada ascendente que deve provocar meditação e escôlha pelo Governô, entre continuar derrubadas fora das áreas ecológicamente propícias ou aceitar a cooperação técnica de elementos tradicionais da cafeicultura em bases racionais, capazes de alicerçar a nossa economia num estágio compatível com a civilização já alcançada.

Acontece ainda que as zonas, Velha Paulista, Mogiana, são produtoras de inescidível qualidade. Aliás, os métodos modernos poderão ser adotados em qualquer zona velha de qualquer Estado, visto como todos tem zonas velhas (desbravadas e esgotadas pelo empirismo).



Outra vista dos cafezais da Fazenda Sadra

## O NOVO CAFEZAL

À parte uma indisfarçável tendência para resolver o problema cambial unilateralmente, em face de interesse imediatistas da cafeicultura, e de lamentável confusão no relacionamento de venda volumosa e preço baixo, no longo curso, respondeu aos interesses de permanência e de desenvolvimento harmonioso do cafézal no Brasil. Desta se destaca o item referente à reno-

vação da cafeicultura, que pode ser considerada a melhor contribuição dada até hoje pela Junta às nossas diretrizes cafeeiras.

É importante frisar que, pela primeira vez em nossa história cafeeira, um órgão para-oficial, formado por elementos representativos da cafeicultura tradicional, adota teses que até há poucos anos eram consideradas socialmente revolucioná-

rias para o nosso meio. Ao subordinar o plano de renovação, nas recomendações para 1958, limitação da área do cafézal, à moradia do proprietário no imóvel e ao equilíbrio agropecuário, a Junta orientou-se no sentido do combate ao absenteísmo e à formação de lavouras extensivas e monocultoras, elementos causadores de males de ordem técnica, econômica e social.